

O Bem dizer, uma Ética que nos convoca.

Para a psicanálise, como sujeitos da linguagem, a questão da ética nos atravessa, sendo um conceito central em nossa prática, hoje fazendo parte do título deste VIII Congresso de Convergência, nos convoca a debatê-la e repensá-la.

Após ler um artigo publicado em um jornal online sobre a necessidade de regulamentação sobre o avanço da inteligência artificial, surgiu em minha mente uma série de questionamentos que tentarei compartilhar com vocês. Neste artigo, eles relataram as diferentes posições dos CEOs de empresas de alta tecnologia. Algumas abordagens sustentaram a necessidade de integrar uma área dedicada a pensar a relação entre os avanços da inteligência artificial e a necessidade de regulamentar esses avanços. Para alguns, tal regulação teve que ser realizada a partir do estado e globalmente, para outros, por outro lado, cabia tratar dessa articulação, dentro de cada empresa. Aqueles que defendiam esta última abordagem organizaram fóruns de diálogo para discutir a ética no uso da inteligência artificial, incluindo filósofos. Outros permitiram que alguns de seus funcionários deambulasse durante o horário de trabalho, para tentar responder a perguntas como quais são as motivações que movem o ser humano?

Uma questão que tem ocupado o interesse dos filósofos desde o início da civilização, porém é importante nos perguntarmos sobre o que implica esse uso da inteligência artificial. Que incidência isso tem na subjetividade?

Vou começar com a seguinte pergunta em relação à nossa prática hoje.

Nesse quadro, como pensar a ética da psicanálise?

Sabemos que é uma situação atual marcada pelo avanço incessante e vertiginoso da inteligência artificial que afeta nossas vidas. Esse avanço da tecnociência é oferecido na cultura como uma dimensão que resolve nossas vidas desde os problemas domésticos até as promessas de felicidade. Porém, em nossos consultórios nos encontramos com a insistência de um sentimento que chamarei de absurdo como motivo de consulta. E por sua

vez nos encontramos em correspondência com esse sentimento, um desconforto traduzido em uma espécie de dor de época. Não importa quantos itens você ganhou, quão longe você subiu profissionalmente, quanto você viajou ou quanta tecnologia de ponta você acessou, nada disso parece acalmar a angústia. Paradoxalmente, diante disso, a proposta é que a angústia seja eliminada radicalmente e, para isso, todos os elementos que esse avanço nos oferece são colocados em operação.

Assim, nosso cotidiano é afetado pela invasão de algoritmos que parecem oferecer a solução para todos os conflitos do sujeito, conduzindo-o a um suposto e desejado estado de felicidade.

Essa aspiração do locutor representaria uma validade da ética de Aristóteles sobre a ética do desejo?

A filosofia sempre deixou de lado o que tinha a ver com o desejo, apoiando-se na moral e na sustentação de valores. Aristóteles entendeu que o homem possuía uma virtude inerente, que ele considerava como uma capacidade, que levava o homem a escolher o que razoavelmente o levaria a realizar-se para o seu próprio bem, denominou-o Bem Soberano e caracterizou-o como único e universal. Dito Bem é aquele que levaria o homem à felicidade.

Essa aspiração do locutor representaria uma validade da ética aristotélica sobre a ética do desejo?

A filosofia sempre deixou de lado o que tinha a ver com o desejo, apoiando-se na moral e na sustentação de valores. Aristóteles entendeu que o homem possuía uma virtude inerente, que ele considerava como uma capacidade, que levava o homem a escolher o que razoavelmente o levaria a realizar-se para o seu próprio bem, denominou-o Bem Soberano e caracterizou-o como único e universal. Dito Bem é aquele que levaria o homem à felicidade.

No entanto, Lacan, em seu seminário sobre a Ética, vale-se dos desdobramentos de Aristóteles para aprofundar a originalidade da descoberta freudiana. Isso coloca o desejo como um conceito primordial, como o que move o sujeito, mas o coloca em conflito com a instância moral. Freud veio nos mostrar com sua descoberta e seus desdobramentos posteriores, que a felicidade só ficaria na ordem de uma aspiração. Em relação à ética dos bens, a posição freudiana propõe outra orientação que rege a vida do sujeito. A introdução do sujeito na ordem do desejo traça uma diferença fundamental e epistemológica com o que vem sendo desenvolvido pela filosofia.

Partindo da ética freudiana do desejo, Lacan faz uma passagem para uma ética articulada ao conceito de gozo. No entanto, ele reconhece que Freud partiu de uma intuição inicial central, que é de ordem ética e que é fundamental valorizá-la para que “nossa experiência não seja degradada”. Em outras palavras, nossa experiência e nossa prática são sustentadas se e somente se em uma ética.

No entanto, a aspiração do sujeito de alcançar a felicidade plena insiste tanto quanto a amostra acabada de quão inatingível ela é. Esse impossível parece ser o suporte sobre o qual está montado o sucesso da Inteligência Artificial e seus avanços?

A introdução do conceito de gozo feita por Lacan, pode nos ajudar a pensar sobre o que pode ser o sucesso da inteligência artificial e seus avanços, embora o desconforto do sujeito seja de ordem estrutural.

A experiência freudiana nos ensina isso, como adverte Lacan, trazendo para seu seminário o texto “Desconforto na Cultura” daquela instância que Freud chamou de Superego. Ele a nomeia como um rompimento que impediria o sujeito não só de satisfazer seu desejo, mas de poder reencontrar aquele objeto irremediavelmente perdido, que ele desenvolve na experiência da satisfação, porém desde Lacan temos o conceito do imensurável do objeto, para o qual há um gozo que jamais será alcançado e isso torna a estrutura do sujeito e o impossível.

Ensina-nos que é por causa desse rompimento que, entre outras coisas, descobrimos que aqueles que poderiam ser próximos tornam-se potencialmente inimigos. Nesse texto, Freud questiona as condições e consequências do laço social, questiona também a importância dos preceitos morais e a dificuldade de cumpri-los, mesmo com o valor simbólico que adquiriram. Este ponto para Freud, à medida que avança em seu trabalho e em sua experiência clínica, torna-se cada vez mais inegável.

A clínica o conduz a essa reflexão onde a ética tradicional não é eficaz nem para transformar a própria agressividade do locutor, nem para uma possível satisfação plena.

E é por meio da criação desse conceito freudiano, das Ding, como o Outro absoluto do sujeito radicalmente ao sujeito, que se tenta sempre reencontrar, que Freud questiona o que foi proposto pela ética tradicional, pois sustenta a impossível daquela reunião porque das Ding está banido para sempre.

A noção de perda radical introduzida por Freud com o conceito de das Ding permite a Lacan articulá-la à questão do gozo.

Aquilo que não tem significação, o efeito de buraco real do significante produz o sujeito marcado pela falta e pelo desejo.

A falta, o desejo e o gozo estão nos antípodas do bem soberano aristotélico e fundamentam a nossa práxis.

Lacan tomando os elementos da tragédia grega no caso de Antígona, mostra-nos como o desejo é problemático. Antígona coloca em dúvida o Bem, enquanto questiona o bem como o ideal do Outro. Ela desobedece a moralidade. Antígona decide enterrar seu irmão correndo o risco de sua própria morte. Esse ato revela sua posição de não ceder ao seu desejo, que lhe serve naquele momento para localizar a posição do analista.

Com o desejo do analista, Lacan nos alerta para a normalização psicológica, para um "acesso à felicidade sem sombras". Pelo contrário, a análise não promete ao analisando

alcançar o seu bem. Não devemos nos tornar um “gerente de sonhos burgueses”, como ele nos disse no referido seminário.

E seguindo essa linha conceitual, a tragédia nos ensina que não há conciliação entre o desejo e o bem.

Se algo sabemos como analistas, é a impossibilidade de satisfazer a demanda, advertidos sobre a não posse do referido bem e sua inexistência. Por isso, uma das direções da análise consistirá em encontrar esse limite, em registrá-lo como castração, e é nessas coordenadas que se instala o problema do desejo, cerne da ética da psicanálise.

Agora, que possibilidade de trabalhar e sustentar a castração diante de um mundo que cria a ilusão de que tudo é possível?

Reiterando, a inteligência artificial apresenta a ilusão de um encontro possível onde não haveria divergências, onde os corpos poderiam ser dispensados, e nesse sentido pareceria que estamos diante de um novo mandato de época. Nesse sentido, a contingência da pandemia foi a que marcou tristemente a dispensabilidade de um corpo, enquanto a suspensão de uma das características mais humanas dos seres falantes, o rito fúnebre, teve que ser aceito. O corpo da pessoa amada não só deixou de ser necessário, naquela época, como também se tornou perigoso. Corpos jogados fora pelo perigo marcaram talvez a origem de um novo mandato de época. Por sua vez, instaurou-se a solidão na doença, aqueles entes queridos não puderam ser acompanhados em momentos em que nunca estariam sozinhos, impediu-se a possibilidade de estabelecer vínculos com nossos pares. Carícias e encontros com o corpo do outro foram impedidos e a inteligência artificial hoje faz sua “conquista”.

Ambas as perguntas produziram um efeito que seria possível evitar o real.

Na dimensão do que é oferecido como prazer, as trocas sexuais são propostas por meio de páginas virtuais, onde a mulher que deveria estar do outro lado da tela não é ela, mas um robô, com os algoritmos necessários para a satisfação do cliente. Não se trata apenas das

coisas do amor excluídas com seus efeitos, mas sim de uma tentativa de excluir a falta como causa do desejo e possibilitar a relação sexual. Excluídas as coisas do Amor, não há culpa e a relação sexual é oferecida como possível.

Por outro lado, descubro neste ponto como o trabalho da tecnociência nos convida a sustentar a crença de que o semelhante não poderia ser da ordem do necessário, cria a ilusão de que aqueles objetos de última geração poderiam substituir aquele objeto irremediavelmente perdido, aquele outro inexoravelmente inexistente. Podemos pensar que tanto trabalho científico árduo tenha gerado um quadro dificilmente desmontável no sujeito, mas os psicanalistas sabem que nos encontramos mais uma vez em nossos consultórios com a sensação do absurdo, com a angústia, com o sintoma, que ainda persiste .como motivo para consulta no momento.

O vazio que se tenta preencher parece aprofundar-se ainda mais, como consequência de um mercado que universaliza os modos de fruição tentando produzir um novo ordenamento dos mesmos. A solidão parece ser privilegiada e não o vínculo entre seres falantes.

Perguntar-nos sobre nossa ética diante da insistência de tal progresso hoje, prometendo a ilusão de que não estamos indefesos diante da realidade, é algo que nos preocupa inexoravelmente.

Sabemos que a psicanálise é uma experiência do não-todo, da incurabilidade da castração, desse objeto sempre almejado e para sempre interditado, e nesse sentido a frase 59' de Lacan seria mais válida hoje do que nunca, para tornar-se um fiador de que o sujeito pode de alguma forma encontrar o seu próprio bem na análise, seria uma espécie de golpe.

Agora, nesse elo entre progresso científico e desconforto, oferecemos ao sujeito a possibilidade de poder suportar melhor a vida. Lacan nos disse que a psicanálise é um viés prático para se sentir melhor. Qual é então a nossa responsabilidade perante um progresso científico sem qualquer regulamentação e que promete plena “felicidade”.

A psicanálise veio nos ensinar que há saber que não se conhece, que no encontro há desacordo e que o objeto ao qual parece dar sustentação ao ser, só se resolve em seu fracasso.

Avançando em seus desenvolvimentos, no seminário Encore insiste na articulação da psicanálise como essa estrutura do não-todo. Neste seminário, ele coloca no centro a distribuição do gozo para abrir caminho ao desejo e assim poder viver um pouco melhor.

Situando que o saber está do lado de nossos analisandos, na fala de cada um deles, Lacan na Televisão falará da ética da psicanálise como a ética do bem dizer. . E que nossa tarefa será poder fazer desse dizer, ao qual o sujeito se prendeu, um dizer. E que alcançando esse bem-dizer algo de bem-estar subjetivo é alcançado. Seremos nós que, raspando os sentidos, nos aproximamos da escrita de um novo texto, suprimindo assim aqueles sentidos mortificantes que fixam o gozo, do qual o sujeito não quer saber, para possibilitar novas modalidades de gozo, que serão a de cada sujeito em sua singularidade.

Continuaremos nos aventurando em um tempo onde, segundo Bauman: há uma conexão entre o consumismo de um mundo precário e a desintegração dos laços humanos.

Questionar e produzir uma escrita dessas alegrias que a Inteligência Artificial hoje, como uma nova modalidade tenta administrar, será o nosso compromisso hoje, isso não é possível se não for articulado a uma postura ética.

Envolver-se com o real na medida em que aponta para a falta incurável, e que nos confronta com a contingência do encontro, continuará a ser a aposta do nosso discurso, contornando o que não tem conserto.